



PESQUISA EM EDUCAÇÃO: A METODOLOGIA ETNOGRÁFICA EM ESPAÇOS DE PRIVAÇÃO DE LIBERDADE

Aline Menezes de Barros

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil ¹
alinebarrosamb@hotmail.com

Adriane Matos de Araújo

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil ²
adrianematosaraujo@gmail.com

Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Brasil ³
clgmattos@gmail.com

Orientadora: Carmen Lúcia Guimarães de Mattos

INTRODUÇÃO: Este artigo pretende fornecer alguns elementos para a reflexão da pesquisa etnográfica em educação como uma abordagem possível para os espaços de privação de liberdade. Essa metodologia de pesquisa qualitativa possibilita uma maior aproximação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa mediante a sua imersão no campo, possibilitando uma ampliação dos diálogos possíveis, uma vez que permite o retorno ao contexto pesquisado – aqui, especificamente as prisões e/ou unidades socioeducativas de internação - quantas vezes se fizer necessário, para compartilhar sua análise com os sujeitos que, de fato, vivenciam o processo da perda da liberdade e a experiência de retorno ao processo formal de ensino nessas circunstâncias.

Nesse sentido, a metodologia da pesquisa etnográfica permite ao pesquisador uma convivência no campo por um longo período, possibilitando a utilização de registros audiovisuais, e posteriormente, a análise compartilhada desses vídeos e áudios entre diversos pesquisadores e entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa,

¹ Mestranda do programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PROPED/UERJ. Pesquisadora associada ao Núcleo de Etnografia em Educação, UERJ. Bolsista CNPq.

² Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Pesquisadora associada ao Núcleo de Etnografia em Educação, UERJ. Bolsista Qualitec.

³ Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ. Coordenadora do Núcleo de Etnografia em Educação (NetEDU/UERJ).

possibilitando narrativas e análises que retratam a realidade sob a ótica dos que a vivenciam cotidianamente.

Esse artigo objetiva refletir sobre a utilização da pesquisa etnográfica em educação como uma possibilidade metodológica de análise dos processos de escolarização que envolvem os sujeitos em situação de privação de liberdade, e por isso, vulneráveis à dinâmica do controle e da vigilância (FOUCAULT, 2011) de uma instituição total (GOFFMAN, 2010). Nesse sentido, o presente texto busca elencar elementos positivos na realização da pesquisa etnográfica em educação, demonstrando que essa metodologia permite analisar com clareza como ocorre o retorno à escolarização dos sujeitos privados de liberdade.

METODOLOGIA: Para realização deste artigo, foram realizadas análises de textos que versam sobre a temática da pesquisa etnográfica em educação. Dedicamos um período de aproximadamente seis meses para leitura dos textos, sistematização dos principais conceitos e levantamento dos principais autores, através da elaboração de reações, mapas conceituais e discussões em grupos, que ocasionaram importantes debates sobre a temática.

Essa proposta foi compartilhada pelo grupo de pesquisa NetEDU⁴, do Programa de Pós-Graduação em Educação – (PROPED), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – (UERJ), que conta com a participação de alunos do doutorado, mestrado, graduação e ensino médio, possibilitando a interação, a troca de experiências e o compartilhamento dos múltiplos olhares.

Inicialmente realizamos a leitura do livro: “Etnografia na Educação: textos de Frederic Erickson”, organizados por Mattos (2004). Erickson (1988) evidenciou em sua obra as especificidades da pesquisa qualitativa, especialmente a etnografia realizada em escolas e em salas de aula. Utilizamos também o livro: “Etnografia e Educação: conceitos e usos” (MATTOS e CASTRO, 2011), que nos permite

⁴ NetEDU – Núcleo de Etnografia em Educação.

desvendar as especificidades dessa metodologia de pesquisa, inclusive nos espaços prisionais e socioeducativos.

Após a leitura dos textos, sistematizamos as principais ideias e conceitos através de resumos comentados, reações e elaboração de mapas conceituais. Esse último instrumento, tem sido amplamente utilizado pela mencionada equipe. Foi elaborado em 1970 por Joseph Novak e utilizado pelo Núcleo de Etnografia com as adaptações necessárias ao desenvolvimento de cada temática.

Os processos de institucionalização que ocorrem no contexto das prisões e/ou unidades socioeducativas de internação - espaços de privação de liberdade e de oportunidades e *locus* de segregação - acabam por invisibilizar os sujeitos que integram esta realidade. Nesse sentido, a etnografia pode ser uma metodologia relevante para se pensar sobre os processos de escolarização que acontecem nesse contexto a partir da perspectiva dos adolescentes, jovens e adultos que são atendidos nestas unidades, uma vez que, como afirmado por Mattos (2011): “A maior preocupação da etnografia é obter uma descrição densa, a mais completa possível sobre um grupo particular de pessoas e o significado das perspectivas imediatas que eles têm do que fazem (p.10)”. Tal concepção metodológica permite, sob este prisma, a visibilização desses indivíduos, no sentido de buscar compreender a sua percepção sobre a escolarização nestes espaços que se configuram enquanto instituições totais (GOFFMAN, 2010).

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Entendemos que a pesquisa etnográfica se constitui num eficiente instrumento para compreender a percepção de adolescentes, jovens e adultos sobre a escolarização em espaços de privação de liberdade. Para Mattos (2011) qualquer pesquisador que possua um desconforto com algo que não esteja bem na sociedade pode fazer uma pesquisa etnográfica, dedicando-se ao campo de forma intensa, ouvindo as vozes que emergem desse cotidiano, produzindo materiais relevantes, dedicando-se a incansáveis análises e contribuindo assim, para políticas públicas mais eficazes, que repensem práticas institucionais.

A metodologia acima permite o mergulho na problemática da pesquisa e possibilita a descrição do campo de forma minuciosa, assim como, a percepção dos sujeitos, analisadas e ilustradas mediante o uso de vinhetas etnográficas, que geralmente são registradas nas notas de campo, em áudio e em vídeo, possibilitando a revisitação do material em uma (re) observação que permite refinar a análise (MATTOS, 2011 *Apud* PINK, 2001), num constante exercício de estranhar o familiar e familiarizar o estranho (MATTOS, 2011 *Apud* DA MATTA, 1978).

Ao escrevermos sobre o outro, devemos ter a prudência necessária, investindo em uma análise que privilegie a observação participante, pois como afirmado por Mattos (2011) o participante é o protagonista da pesquisa, desse modo, a análise indutiva dos dados, na qual partimos de dados particulares para o geral (Mattos, 2011) contribui para uma eficaz explanação do tema. Nesta forma de se fazer pesquisa, é inerente ao seu processo a interação entre pesquisadores e sujeitos da pesquisa, permitindo aos participantes a interferência, a complementação, a significação e a ressignificação dos dados e das análises. (MATTOS, 2011 *Apud* ERICKSON, 2004, tradução da autora).

Compreendemos que a etnografia pode ser entendida como uma abordagem de pesquisa que traz contribuições importantes ao campo das pesquisas qualitativas, especialmente nas temáticas das desigualdades sociais e exclusão (MATTOS, 2011), nesse sentido, a mesma pode ser utilizada para abordar a questão da escolarização obrigatória em espaços de privação de liberdade.

Nas prisões e nas unidades socioeducativas de internação o direito fundamental e constitucional do acesso à educação formal torna-se também uma obrigação. Os sujeitos privados de liberdade devem retornar aos bancos escolares e desse retorno depende seu futuro, inclusive jurídico, uma vez que os adultos que frequentam a unidade escolar são beneficiados pela remição da pena pelo estudo e os adolescentes, devido à obrigatoriedade pela idade, só alcançam medida mais branda se comprovarem bom rendimento e desempenho nas atividades escolares.

Os sujeitos que vivenciam essa problemática majoritariamente interromperam seus processos de escolarização durante o ensino fundamental e apresentam uma trajetória escolar marcada por reprovações, evasões, expulsões e desinteresse em relação à escolarização. Apresentando defasagem idade-série e certa resistência ao processo de escolarização, especialmente nessas instituições.

Por outro lado, as escolas que funcionam dentro das instituições de privação de liberdade, estão engessadas pela estrutura autoritária e disciplinar das instituições totais, apresentando elas próprias, movimentos de resistência aos alunos, especialmente os considerados indisciplinados e desinteressados. Nesse sentido, consideramos que a pesquisa etnográfica pode oferecer grande contribuição aos estudos desenvolvidos nesta área, pois tem como proposta:

- 1) preocupar-se com uma análise holística ou dialética da cultura; 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa e dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo pesquisador quanto pelo pesquisado (MATTOS, 2011, p.49)

Nesse sentido, compreendemos que a preocupação da pesquisa etnográfica está na natureza processual, nas formas como as relações são construídas, o que, a nosso ver se torna fundamental no contexto das instituições totais de privação de liberdade e nos seus espaços, assim como nas salas de aulas convencionais, no intuito de se compreender como as interações interpessoais são desenvolvidas no âmbito escolar e social.

A descrição densa e os múltiplos recursos da pesquisa etnográfica (caderno de campo, vídeos, desenhos, fotografias, redações, documentos, entrevistas, observação participante, a análise indutiva dos dados, os insights do pesquisador etc.) colaboram para uma visão ampliada da realidade e favorecem análises acadêmicas fundamentadas nas reais necessidades dos sujeitos.

CONCLUSÃO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) nos espaços de privação e restrição de liberdade precisa ser mais discutida pela universidade e pela sociedade. Entendemos que essa temática precisa se solidificar no ambiente acadêmico, pois

tal fato possibilitará maior compromisso político e investimentos em políticas e programas direcionados à oferta de educação formal nesses estabelecimentos e também de avaliações sistemáticas que monitorem a qualidade dessas ações.

Entendemos que a escolarização nesses espaços deve ser ofertada como uma possibilidade real para a reflexão e o aprendizado e não como uma atividade que permite passar o tempo e suavizar a concepção de punitiva dessas instituições, constituindo um verdadeiro imbróglio para os sujeitos privados de liberdade.

Em suas pesquisas, Mattos e Almeida (2011) evidenciaram que as atividades ofertadas neste contexto constituíam-se de conteúdos mínimos escolares, tarefas infantilizadas, oficinas sem conteúdo prático ou relacionado à vida social e produtiva. Entendemos que as propostas escolares e pedagógicas das escolas em instituições socioeducativas, segundo as autoras, se mantêm alienantes e descontextualizadas por aproximadamente 10 anos, não contribuindo em sua plenitude para a superação da zona de vulnerabilidade social (MATTOS, 2011 *Apud* CASTEL, 1997) pelos adolescentes, jovens e adultos que passam pelo sistema prisional e socioeducativo.

Portanto, fica evidente a necessidade de se repensar o modelo de escolarização que vem sendo executado nas unidades prisionais e socioeducativas de internação do estado do Rio de Janeiro, assim como de oportunizar a esses sujeitos um processo crítico-reflexivo sobre sua realidade (MATTOS, 2011).

Palavras chave: Pesquisa em Educação, Etnografia e Privação de Liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramallete. 39. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- GOFFMAN, Erving. *Manicômios, prisões e conventos*. Tradução Dante Moreira Leite. São Paulo, Ed. Perspectiva, 2010.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de (organizadora). *Etnografia na educação: textos de Frederic Erickson*. Rio de Janeiro, 2004, 501 p.
- MATTOS, Carmen Lúcia Guimarães de. CASTRO, Paula Almeida de (organizadoras). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011, 298 p.